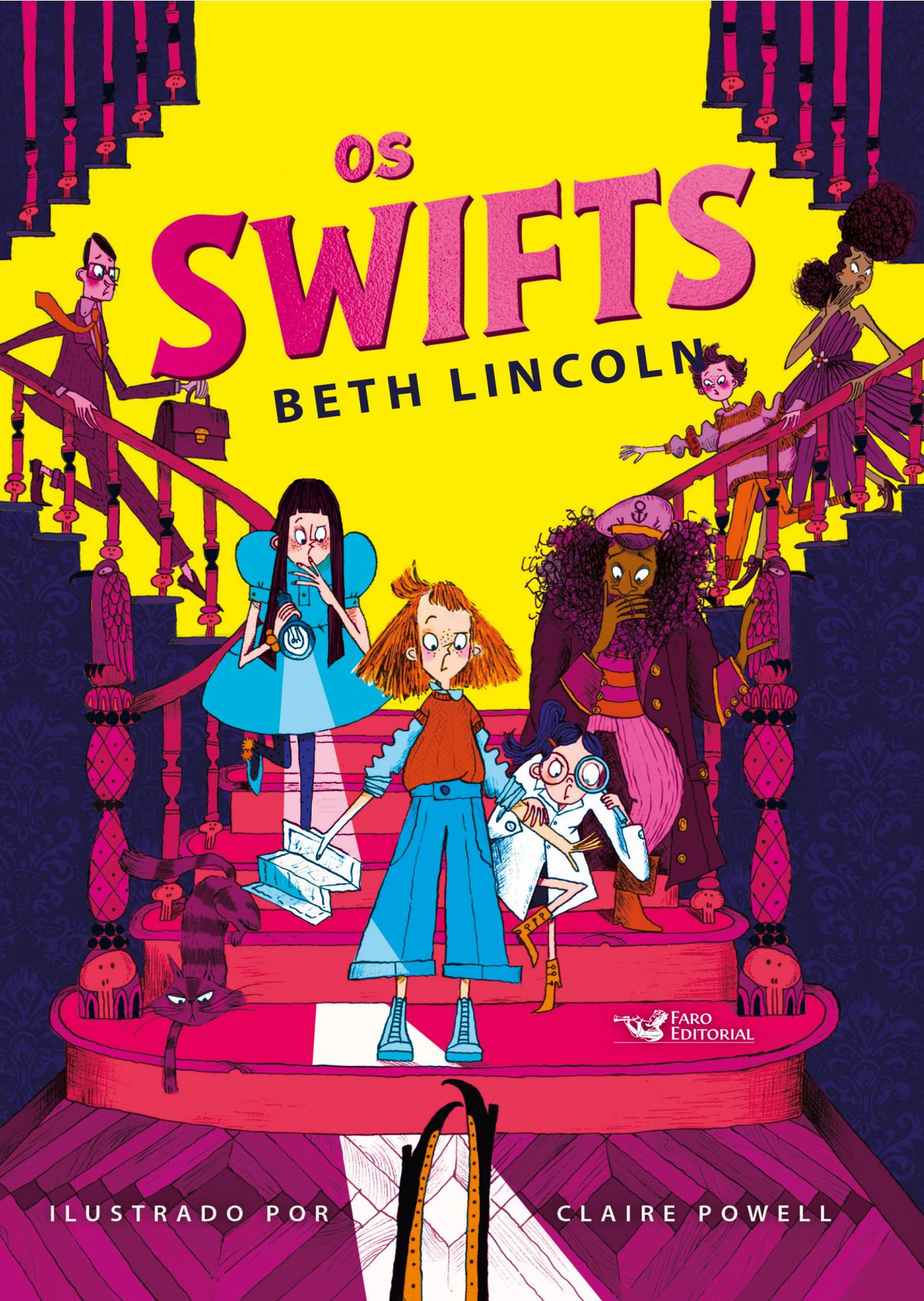


# OS SWIFTS

BETH LINCOLN



FARO  
EDITORIAL

ILUSTRADO POR

CLAIRE POWELL

BETH LINCOLN

OS  
**SWIFTS**



TRADUÇÃO  
Sandra Martha Dolinsky

ILUSTRAÇÕES  
Claire Powell

 FARO  
EDITORIAL

À MINHA FAMÍLIA, DE  
SANGUE E DE VÍNCULO





PARTE  
UM



**E**ra uma manhã ensolarada e bonita no início de maio, e os Swifts estavam no meio de um funeral.

A Casa estava bem-arrumada. As folhas caídas nos gramados foram varridas, o labirinto de arbustos tinha sido aparado e as estátuas foram lavadas e esfregadas atrás das orelhas. A família havia passado a manhã ensaiando suas homenagens fúnebres diante de um espelho e agora caminhavam em lenta procissão pelo cemitério.

Segundo a arquitia Schadenfreude, um funeral deve parecer um casamento de cabeça para baixo. Os Swifts fizeram o possível para honrar seus desejos. O caminho para o túmulo de tia Schadenfreude era repleto de flores, e fitas pretas foram colocadas nas árvores. Mestre-cuca até havia feito um bolo com glacê preto, colocado sobre uma mesa à esquerda da lápide. À direita, um gramofone tocava uma melodia melancólica.

Encrenca Swift estava carregando a frente do caixão. Ela era consideravelmente mais baixa que os outros carregadores. Na parte de trás, sua irmã mais velha, Felicidade, andava toda desengonçada, e seu tio Turbilhão parecia desesperado. E embora Encrenca estivesse fazendo o possível para manter o caixão firme, ele se inclinava para frente em um ângulo preocupante. Fenômeno, à frente da procissão e guiando suas irmãs pelo cemitério como uma controladora de tráfego aéreo, lançou a ela um olhar cauteloso. Encrenca tentou ficar mais alta, porém, sem sucesso.

Eles seguiram entre as sepulturas como se fossem um fio dental preto entre dentes tortos. Encrenca lia os nomes de sua falecida família enquanto passavam:

*Calamitoso Swift*  
1598-1652  
*Adjetivo*  
*Que é, envolve ou resulta em calamidade*

E

*Empolado Swift*  
1733-1790  
*Substantivo*  
1. *Coberto de empolas, bolhas.*  
2. *Sem naturalidade, afetado.*

Ela transferiu para a outra mão o peso do caixão e ele balançou de um jeito alarmante. Felicidade reclamou, e Encrenca o balançou de novo, só para irritá-la. Sua mão deixou uma mancha na madeira cara e muito bem polida. Sua tia não teria gostado disso — tia Schadenfreude achava que deveria se gastar mais com um caixão que com uma casa, visto que se passava mais tempo morto que vivo —, mas sua tia não teria gostado de muitas coisas. Como os arranhões nos sapatos de Encrenca, ou os gravetos em seu cabelo, ou os pensamentos em sua cabeça.

À sua direita, Encrenca leu:

*Larápia Swift*  
1860-1889  
*Substantivo*  
*Infratora ou criminosa*

Encrenca provavelmente teria se dado bem com ela.

Pararam diante do túmulo, e houve uma confusão, enquanto cada Swift baixava o caixão a uma velocidade diferente. Turbilhão tentou baixá-lo devagar, com dignidade, mas Felicidade foi um pouco rápida demais, e Encrenca ainda estava pensando em ser uma larápia e não prestou atenção.

— Encrenca — sibilou Felicidade de novo —, pode por favor...

A coisa que estava dentro do caixão soltou um uivo.

Felicidade gritou e deixou seu lado cair. Com um baque surdo, a cabeceira do caixão atingiu a grama, balançou e tombou dentro da sepultura. Ao cair, a tampa voou. Encrenca deu um pulo para sair do caminho e não ser

atingida e caiu direto no bolo de cobertura preta, ficando com as mãos cheias de massa com cheiro de baunilha.

Houve silêncio, exceto pelo chiado do gramofone. Os Swifts espiaram com cuidado dentro da sepultura.

O caixão estava escancarado, revelando o brilho da seda preta que esquentava ao sol. É claro que não havia ninguém dentro dele – exceto John, o Gato, que pestanejou, sonolento, espreguiçou-se exageradamente e saiu trotando em direção à floresta. Encrenca lambeu o bolo das mãos.

— Ora — gritou uma voz atrás deles —, devo dizer que foi um ensaio terrível!

A trupe, culpada, voltou-se para tia Schadenfreude, próxima ao jazigo de Vil. Estava com sua bengala em uma das mãos e os binóculos na outra, e olhava com eles para a bagunça que haviam feito no local de seu descanso final.

— Vai dar tudo certo no fim da tarde, titia! — disse tio Turbilhão.

Ele ergueu Encrenca com a mão, esquivando-se da tentativa dela de espalhar glacê em sua barba, e a colocou em pé, sorrindo.

— Tarde, não! O funeral começará às onze da manhã — resmungou tia Schadenfreude, apertando a grossa gargantilha de ferro em volta do pescoço. — Vocês devem me enterrar por volta da meia-noite, terminar de chorar meia hora depois, voltar para a Casa, e estarão todos muito perturbados para a ceia que comerão à 00h45. Esse é o cronograma. Você não me inspira muita confiança, Turbilhão.

A vida de tia Schadenfreude era altamente organizada, e ela esperava que sua morte fosse igual. Como não estaria presente para supervisionar o próprio funeral, fazia a família ensaiar a cerimônia todos os meses, desde que Encrenca podia se lembrar. E eles nunca conseguiam fazer tudo certo.

— Encrenca, Felicidade, tentem manter o nível do caixão da próxima vez. Parecia que vocês estavam me carregando morro abaixo.

— Mas é difícil, porque o tio Turbilhão é muito mais alto que a gente! — choramingou Felicidade.

— Dada a taxa média de crescimento adolescente, devemos estar um pouco mais altas quando a tia Schadenfreude morrer — comentou Fenômeno, limpando o glacê que havia respingado em seu jaleco. — Isso deve equilibrar as coisas.

— Que otimismo desagradável! — Tia Schadenfreude bufou. — Eu poderia cair morta antes que vocês crescessem mais um centímetro. Felicidade, acho que essa decoração serve. Só mais alguns laços. Quanto à Encrenca...



Encrenca parou de lambar as mãos.

— Imagino que foi você que colocou o John lá dentro.

Encrenca deu de ombros.

— Gatos gostam de caixas.

— Você poderia, por favor, esperar até que eu esteja em meu túmulo antes de profaná-lo?

Encrenca achou essa observação muito injusta, pois pensava que havia melhorado bastante. Mês passado, ela havia feito o caixão entalar na porta da frente e a família toda teve que entrar e sair de casa rastejando durante vários dias.

A expressão amarga de sua tia refletia a dela.

— Bem, acho que você não pode evitar, é seu nome. — Suspirou. — Faremos uma pausa para o almoço. Ainda temos que arrumar isso tudo antes de amanhã.

Com isso, foram de volta para a Casa. Encrenca passava a mão pelas lápides conforme andava e lia os nomes. Rubrica. Catarse. Empenho. Laia.

Você não pode evitar, é seu nome.

Ela deixou passar a irritação que a frase batida de tia Schadenfreude lhe havia provocado. Nada poderia irritá-la naquele dia.

E aquele dia era o dia anterior ao amanhã, e amanhã ela roubaria a fortuna de sua família.

— Olhe por onde anda! — gritou Felicidade quando Encrenca, ao pular uma lápide, foi parar em seu caminho. — Como consegue sempre estar entre os pés da gente?

— Deve ser porque seus pés são enormes. É difícil evitá-los, sério.

— Meus pés não são enormes! Você que é pequena. É como tentar prestar atenção a uma formiga.

Encrenca começou a fazer clic, clic e investiu contra a irmã com as mãos em forma de pinças. Felicidade recuou.

— Nossa, como você é esquisita — resmungou e usou as pernas muito mais longas para se afastar de Encrenca.

— Você não deveria provocá-la — disse Fenômeno, ajustando os óculos e dando a Encrenca um olhar sabichão.

Fenômeno era cientista, de modo que todos os seus olhares eram sabichões.

— Não esqueça o que aconteceu com a sua catapulta — completou.

— Nunca — disse Encrenca.

Ela havia tentado explicar que não estava mirando em Felicidade quando tinha atirado, mas nem ela nem Schadenfreude a ouviram. Agora, sua Siegemaster 5000 — arma que era uma mistura de espingarda com arco e

flecha se tornou cinzas na fornalha de Mestre-cuca, e Encrenca havia jurado vingança. Para começar, quando encontrasse o tesouro, não daria nada a Felicidade.

Ao se aproximar da Casa, Encrenca notou duas coisas incomuns. A primeira foi que havia um carro em frente: lustroso, rebaixado, verde-garrafa, com um nariz de barracuda. Estava apontado para a porta da frente como se a mantivesse refém. A segunda foi que Mestre-cuca estava indo em direção a eles a toda velocidade. Ela tinha uma mancha de óleo em uma das bochechas — devia estar mexendo em sua motocicleta — e agitava braços e pernas furiosamente. Parou derrapando e provocando uma chuva de cascalho.

— Ela chegou — disse, ofegante.

Encrenca deu um grito de animação e correu em direção à Casa, deixando sua família comer poeira.

Enquanto corria, repassava mentalmente o conteúdo da mochila que mantinha pronta no telhado. Tinha corda, lanterna, gazuas, espátula, papel e lápis, abridor de cartas, binóculos, um pacote de biscoitos e uma garrafa de água para o caso de ficar presa em algum lugar da Casa. Seus parentes provavelmente estariam mais bem preparados. Ficou imaginando se Fenômeno havia se dado ao trabalho de construir o detector de metais que ela lhe havia pedido.

A princípio, na penumbra do corredor, Encrenca só conseguiu ver um par de mãos com luvas brancas. Quando seus olhos se adaptaram, pôde ver o resto da mulher. Era quase tão pálida quanto as luvas, e sua pele era como uma maçã que havia sido deixada na fruteira durante muitos dias, opaca e flácida. Era difícil adivinhar sua idade. Usava um terninho de tweed e tinha cabelos crespos de cor duvidosa, presos para trás sem esmero. Quando se voltou para Encrenca, seus pequenos óculos redondos refletiram a luz.

— Matriarca! — entoou. — Chegou a hora de novo! Nós... ah!

Piscou ao ver Encrenca, que, lembrando-se de suas boas maneiras, ia em sua direção com a palma da mão estendida. A mulher deu uma olhada nas mãos de Encrenca, cobertas de bolo e terra de sepultura, e colocou as suas às costas, como se estivessem lhe oferecendo um rato morto.

Na pausa estranha que se seguiu, o resto da família de Encrenca a alcançou. Tio Turbilhão entrou sob uma pilha de coisas, que devia ser a bagagem daquela mulher: duas malas surradas do tipo que as pessoas chamam de “valises”, uma caixa de chapéu e vários longos tubos de couro amarrados juntos. A mente de Encrenca logo começou a divagar sobre o que poderia haver naqueles tubos. Telescópios? Arte roubada? Ela havia lido recentemente sobre um instrumento de madeira muito longo chamado didjeridu que era tocado na Austrália. Talvez a convidada deles fosse australiana...

Quando a mulher voltou a falar, ficou bem claro que não era australiana. Tinha um sotaque proveniente de uma universidade inglesa e uma voz acostumada com bibliotecas.

— Ah, aí está você, matriarca — disse ela com certo alívio, acenando para tia Schadenfreude. — E vejo que Turbilhão também! Chegou a hora de novo! Mais uma vez nos reunimos...

— Herança — interrompeu tia Schadenfreude —, você deveria chegar amanhã.

O aceno de cabeça de Herança aumentou em velocidade e entusiasmo.

— Sim, sim, mas como eu disse em minha carta, temos um assunto de grande importância para discutir...

— Não recebi carta alguma — disse tia Schadenfreude, com o tom de quem achava as desculpas pessoalmente ofensivas.

— Oh. — Herança se interrompeu. — Mas... eu a mandei há uma semana, com o resto dos convites.

A família toda resmungou sua compreensão. Tia Schadenfreude desconfiava de qualquer pessoa uniformizada, fossem policiais, soldados, membros de uma banda marcial, balconistas, estudantes, bombeiros ou cozinheiros. E os carteiros não eram exceção. O único permitido perto da Casa era um carteiro local chamado Suleiman, que andava gripado nas últimas duas semanas.

— Bem, imagino que você já está aqui — concedeu tia Schadenfreude —, há pouco que possamos fazer. Meninas, esta é a tia de vocês, Herança. Herança, estas são as meninas: Felicidade, Fenômeno e Encrenca, em ordem descendente de idade e crescente de inconveniência.

— Prazer em... conhecê-las — disse Herança.

Isso era mentira, como bem sabia Encrenca. A mentira é uma coisa travessa com vida própria, e não importa quanto se tente mantê-la escondida, ela sempre transparece no rosto da pessoa, ou nas mãos, ou na maneira como mexe o corpo, transferindo o peso de uma perna para outra. Encrenca sempre tinha sido boa em localizá-la, e aquela estava ali, logo abaixo do olho esquerdo de sua tia. Embora estivesse esperando a chegada de sua tia Herança há semanas, algo nela fez Encrenca antipatizar com ela no mesmo instante; talvez fossem seus olhos lacrimejantes, ou suas luvas brancas, ou o jeito como olhava para Encrenca, como se a menina fosse algo que encontrou mofado no fundo de um armário.

— E você é importante? — perguntou Encrenca, em dúvida.

Ouviu Turbilhão engolir uma risada.

Tia Herança ficou séria.

— Eu sou arquivista — disse ela. — É o meu trabalho... Não, minha vocação... — Levou as mãos brancas e trêmulas ao peito, e seus olhos ficaram vidrados de emoção. — É o meu dever — prosseguiu —, meu... meu privilégio registrar a vida dos Swifts para a posteridade. Eu mantenho a história de nossa família, relato o nosso legado, guardo os nossos costumes...

Tia Schadenfreude pigarreou.

— A propósito, Herança, se puder fazer o seu trabalho... rápido, lembre-se — alertou, como se pressentisse outro discurso.

— Isso mesmo. Tenho um experimento esperando em meu laboratório, e é muito sensível ao tempo — disse Fenômeno.

— E eu preciso decidir o que vestir amanhã — acrescentou Felicidade.

— E eu preciso do meu almoço — disse tia Schadenfreude.

Tia Herança pareceu escandalizada.

— Schadenfreude, esta é a primeira vez de Fenômeno e Encrenca! Tradição é tudo!

— Ora, a tradição não tem uma omelete de cogumelos esperando por ela na cozinha.

Tia Herança franziu os lábios em desaprovação. Por um momento, pareceu querer repreender tia Schadenfreude, mas percebeu, sabiamente, que talvez não sobrevivesse à experiência.

— Chegou a hora de novo — entoou ela com os dentes cerrados. — Mais uma vez nos reunimos. Eu, Herança Swift, arquivista, tendo consultado meus livros, interpretado os sinais e verificado a disponibilidade de todos, convoco a reunião da família Swift. Voltamos à Casa da nossa Casa para fortalecer nossos laços, para manter a paz entre nós e para buscar nossa fortuna perdida, como fizemos durante décadas e faremos por décadas, enquanto nossos nomes forem pronunciados. Matriarca Schadenfreude, somos bem-vindos?

— Hum? Imagino que sim.

— Então, pronto! — Herança abriu bem os braços. — A reunião oficialmente começou!



**N**os velhos tempos de meia-calça e coletes de couro da família Swift, todas as crianças se chamavam Mary ou John. Era uma confusão na hora do jantar quando alguém pedia a um John que passasse as batatas e dez mãos disparavam ao mesmo tempo; por isso, Mary Swift XXXV deu início à tradição de dar nome a seus filhos usando o Dicionário da família. A ideia pegou e os Swifts prosperaram. Muitas vezes as pessoas ignoram uma Mary ou um John, mas quase nunca esquecem uma pessoa chamada Meretrício ou Vacilo.

Encrenca não podia se lembrar do dia em que tinha nascido, mas o imaginava muito bem: o quarto do hospital, as enfermeiras, sua mãe, cansada e sorridente, enquanto seu pai lhe ajeitava os travesseiros. Ela se imaginava também, enrolada como um amendoinzinho, com uma mecha de cabelo desobediente já brotando de sua cabeça. E ficou imaginando o Dicionário — e essa parte foi mais fácil, porque estava olhando para ele —, um livro antigo e monstruoso com capa de couro, cheio de páginas feitas de couro de bezerro, e pergaminho, e papel, com entradas redigidas com fontes modernas nítidas, letras datilografadas e instáveis e outras escritas à mão, com longos Ss que pareciam Fs.

O Dicionário teria sido levado, colocado na cama (Encrenca imaginou as enfermeiras torcendo o nariz de desgosto) e aberto ao acaso pela mãe de Encrenca. Seus olhos estariam fechados. Ela teria passado o dedo pela página e parado na palavra e na definição que se tornaria o nome de sua filha.

Encrenca podia imaginar isso tão bem porque o primeiro dia de cada Swift começava exatamente da mesma maneira. A única exceção, até onde ela sabia, era a matriarca Schadenfreude. Ela havia nascido cinco semanas antes, durante uma viagem da família à Alemanha, e seus pais tiveram que se contentar com o que estava disponível.

Felicidade disparou escada acima antes que tia Herança terminasse de falar, tia Schadenfreude logo começou a falar sobre o cardápio com Mestre-cuca e Turbilhão passou a inspecionar a caneta-tinteiro de seu canivete. Vendo-se completamente ignorada, tia Herança se aproximou da grande vitrine de vidro que abrigava o Dicionário. Estava aberto na folha de rosto.

“Iluminado” tinha duas definições, uma era “luminoso” e a outra, “ornado com iluminuras”, e aquela página era ambas. Aquela folha luminosa e ornada com iluminuras tinha uma dedicatória impressa com letras rebuscadas:

## O Dicionário da Casa Swift

Tia Herança deu um passo à frente, até quase encostar o nariz na vitrine. Tirou uma chavinha de uma corrente que usava no pescoço. Com cuidado e reverência, destrancou a porta e, com dedos trêmulos dentro de suas luvas brancas, estendeu a mão para tocar a folha amarelada.

Do andar de cima proveio um som, como de alguém folheando as páginas de um grande livro, e logo um grito crescente, e então Felicidade correu em disparada para o patamar. Atrás dela, perseguindo a fugitiva pela grande escadaria, estavam as mariposas.

Encrenca sorriu.

Poucos dias depois da destruição da Siegemaster 5000, Encrenca tinha pegado a correspondência com Suleiman. Havia um pacotinho quadrado com buracos em cima endereçado a ela, e dentro, dezenas de lagartas, que ela havia encomendado depois de ver um anúncio em uma revista sobre a vida selvagem. Encrenca tinha se esgueirado até o cavernoso guarda-roupa de Felicidade, aberto a caixa e deixado as lagartas, para que se banquetegassem com as roupas da irmã. Elas roeram lã, seda e algodão, ficaram gordas, sonolentas e teceram seus casulos dentro daquele espaço quente, seco e escuro.

E agora, pelo visto, os casulos haviam eclodido.

Encrenca queria ter estado lá no momento em que Felicidade abriu seu guarda-roupa e encontrou as mariposas a encarando. Cada corpo aveludado era do tamanho da palma da mão de Encrenca, com dois enormes olhos amarelos nas asas que serviam para enganar os predadores.

As mariposas voavam em turbilhão furioso, indo em direção ao lustre e espalhando poeira. Com as asas, roçaram o rosto de Encrenca. Ela achou gostoso — como estar no centro de um leve tornado —, mas, a julgar pela

maneira como sua tia uivava e batia no próprio cabelo, Herança discordava. Uma das mariposas, atraída pela luz que iluminava o Dicionário, entrou na vitrine de vidro. Quando tia Herança viu, gritou como se alguém estivesse segurando um fósforo diante da Mona Lisa.

Em meio ao barulho e caos, Fenômeno calmamente desligou o interruptor de luz. Confusas, as mariposas se espalharam — algumas adentraram mais a casa, mas a maioria saiu pela porta aberta, ao sol do meio-dia, para aterrorizar os pássaros dali.

Encrenca começou a rir.

Felicidade se voltou com os olhos brilhantes, e úmidos, e completamente furiosos.

— Veja o que você fez! — gritou, segurando um pedaço de seda azul.

Aquilo havia sido um vestido, mas as mariposas fizeram tantos buracos nele que agora poderia ser um maiô para um polvo. Vê-lo só fez Encrenca rir ainda mais.

— Minhas roupas estão arruinadas! — exclamou Felicidade. — Eu mesma fiz metade delas!

— Pois bem feito!

— Encrenca!

A jaqueta de couro de Mestre-cuca rangeu quando ela cruzou os braços. Sua expressão severa fez Encrenca sentir seu estômago embrulhar. Olhou para Turbilhão, seu fiel aliado. Mas a decepção dele foi ainda pior.

— Que foi? Foi a Felicidade que começou!

— Sua selvagem! Você iria gostar se eu destruísse algo que você mesma fez? — choramingou Felicidade.

O estômago de Encrenca teve uma recuperação milagrosa.

— Pois destruiu! Isso foi pela Siegemaster 5000, sua...

— Aquele arco e flecha idiota? Você fez aquilo em uma tarde! Eu levei semanas para fazer algumas daquelas roupas!

— Ela não era idiota! Era...

*Crack!*

Fez-se silêncio ao som da bengala de tia Schadenfreude batendo no corrimão. A mulher cravou os olhos em Encrenca, que se sentiu como uma das mariposas de Felicidade, presa em uma vitrine.

— Você está bem, Herança?

Tia Herança ainda estava tirando mariposas imaginárias do cabelo. Havia poeira em suas luvas antes brancas.

— Sim... acho que sim.

— Encrenca — rosnou Schadenfreude —, peça desculpas à sua tia.

— Desculpe — disse Encrenca prontamente. — Ainda não tenho problemas com você.

— Ótimo. E à sua irmã — disse tia Schadenfreude.

— Não.

Tia Schadenfreude encarou Encrenca. Encrenca encarou a tia. A jovem endireitou os ombros e se preparou para chutar, e gritar, e berrar.

Mas tia Schadenfreude apenas deu de ombros.

— Muito bem — disse ela.

Felicidade ficou de queixo caído.

— O quê? — gritou. — Você vai simplesmente deixá-la se safar?

— Não, ela será punida, claro — disse tia Schadenfreude, lançando um olhar sombrio para Encrenca, que estava fazendo uma dancinha da vitória —, mas duvido que surta muito efeito. Ela é assim. Não pode neutralizar o nome que tem.

— Isso não é desculpa!

— Mas é um motivo. — Tia Herança bateu as palmas para livrar as mãos da poeira. — Afinal, o Dicionário tem um poder enorme. Ela não teria sido chamada de Encrenca se esse nome não se encaixasse.

Encrenca franziu a testa. Ela passava pelo Dicionário todos os dias; era apenas um livro normal — meio grande demais para ser lido no banho, mas ainda assim, só um livro.

— O que quer dizer com isso? — perguntou, cautelosa.

— Deram-me o nome de Herança sabendo que eu seria a guardiã dos registros da família. Seu tio recebeu o nome de Turbilhão, pois seu futuro marítimo foi previsto. E você foi chamada de Encrenca sabendo-se que causaria problemas.

Fenômeno soltou um “Ah” cético.

— Então vocês estão dizendo que o Dicionário é mágico?

— Não — disse Felicidade, soluçando. — Elas estão dizendo que eu tenho que aturar a Encrenca! — E disparou escada acima, chorando com seu pedaço de seda na mão.

Encrenca se recusava a se sentir culpada. Felicidade logo ficaria bem. Afinal, eram só uns vestidos. Ela não deve ter levado tanto tempo assim para fazê-los.

— Pobre Felicidade. Não é culpa dela que seu nome seja mundano.

— Tia Herança suspirou. O que ela queria dizer era que o nome de Felicidade, assim como Prudência, Augusto e Rosa, era perfeitamente normal na

sociedade não Swift. — Esses membros da família sempre vivem uma vida perfeitamente entediante e mediana. Eu me lembro da matriarca Esperança! Uma mulher adorável, mas que tragicamente se tornou optometrista. O que me lembra... — Seus óculos pequenos e redondos brilharam para tia Schadenfreude. — Sobre aquele assunto que eu queria discutir...

Em outra parte da casa, houve um *bumm* abafado.

— Eu disse que o meu experimento era sensível ao tempo!

Fenômeno suspirou e saiu para ver o que havia explodido.



**S**e a Casa Swift fosse colocada à venda, provavelmente o anúncio seria assim:

---

## VENDE-SE

---

Casa senhorial do século XVII charmosa e peculiar. Construção original datada de 1602, com acréscimos posteriores. Personalidade forte, bastante caráter! Maravilhosamente situada em um local isolado, longe do alcance da voz da aldeia mais próxima – perfeita para quem quer ficar longe de tudo! Precisa de um pouco de amor.

Traduzindo: a Casa era uma enorme caixa de pão de três andares, uma construção à qual foram colocadas extensões ao longo dos anos, como velhos pedaços de chiclete. Duas alas, leste e oeste, brotaram um século depois que o edifício original foi construído. Os Vitorianos haviam emendado um jardim de inverno nos fundos. Por razões que ninguém entendia, o arquiteto Fustão também havia colocado uma torre em uma das extremidades, de modo que, com seu contorno quadrado e sua torre inesperada, a Casa agora parecia uma cabeça de rinoceronte.

Há muito tempo, os Swifts foram ricos e, apesar de seu formato estranho, a Casa sempre tinha tinta fresca e calhas limpas. Mas assim como seus donos, ela havia empobrecido e deixado entrar a ruína. Mofa, e poeira, e

miséria predominavam. Ratos, pássaros e morcegos mantinham seus reinos obscuros em cantos esquecidos. O efeito geral não era exatamente feio, mas com certeza só era bonito para quem inclinasse um pouco a cabeça e semi-cerrasse os olhos.

Encrenca amava a Casa, mas tentava sair dela desde que tinha aprendido a ficar sobre duas pernas mais de um minuto. Isso era esperado, devido a seu nome. Tia Schadenfreude fazia o possível para impedir que sua sobrinha-neta perambulasse pelo terreno a qualquer hora da noite, mas, felizmente para Encrenca, os Swifts não haviam feito mudanças só na parte externa; sucessivas gerações haviam se esgueirado pelo interior da Casa como ratos dentro de um colchão, cavando passagens secretas, arrancando os olhos de quadros para fazer olhos mágicos, acrescentando fundos falsos a armários e até abrindo um ou outro alçapão. Encrenca tinha encontrado três saídas secretas, e tia Schadenfreude só conseguiu bloquear duas.

Como poucos desses acréscimos apareciam no projeto da Casa, seus ocupantes viviam em estado de leve perigo. Por exemplo, calculavam que um quarto dos livros da biblioteca não eram livros, e sim gatilhos para armadilhas secretas, talvez até letais. O arquiprimo Púlpito havia descoberto isso da maneira mais difícil depois que um exemplar de contos de Edgar Allan Poe o jogou dentro de um poço.

As crianças Swift aprenderam a ter cuidado com o que liam.

Naquela tarde, Encrenca foi convocada para a campanha de limpeza da Casa; portanto, acabou ficando presa com caneleiras. Os preparativos de Mestre-cuca para a Reunião exigiam que marchassem pela Casa com espanadores de penas em riste e com um cheiro forte de cera. Fenômeno e Felicidade eram seus outros soldados de infantaria relutantes, e enquanto Mestre-cuca levantava sofás e mesas com uma única mão (ela era notavelmente forte, seus bíceps eram como três jarretes juntos), as meninas limpavam embaixo, recolhendo com pás de lixo bolas de pelo e cabelo. Tio Turbilhão também ajudava, levantando Encrenca para resgatar aranhas em cantos altos.

Encrenca não teria se importado com o trabalho, não fosse por tia Herança. Como hóspede, ela foi dispensada da limpeza, mas logo começou a infestar a Casa. Toda vez que Encrenca se voltava, via o halo de cabelos sem cor de Herança curvado sobre alguma tralha ou outra, ensinando aos outros a história de cada coisa. Era como se alguém houvesse acrescentado um novo móvel à Casa e todos ficassem tropeçando nele.

— Que maravilha! — gritou Herança, pegando um objeto do console da lareira. — Tem as iniciais A. S. gravadas, e um lírio negro... o símbolo

peçoal de Augúrio Swift! Ela emigrou para a Espanha no século XVI e pre-  
viu as tempestades que destruíram a Armada Espanhola; só que não falava  
espanhol, por isso, o velho rei Filipe não lhe deu ouvidos. Esta é uma peça-  
-chave da história da família!

— É um aromatizador — sussurrou Mestre-cuca para tio Turbilhão, que  
soltou um barulhinho que, em uma pessoa menor, teria sido uma risadinha.

Herança olhou em volta com desconfiança. Pousou o olhar em Encrenca,  
que estava empoleirada no ombro de Turbilhão, se fazendo de inocente.

— Hum... muito sábio manter essa menina ocupada — comentou  
Herança para Mestre-cuca, com um sorriso conspiratório.

Mestre-cuca franziu a testa.

— O que quer dizer com isso?

— Não deve ser fácil ficar correndo atrás de alguém chamado Encrenca.  
— Ela deu um tapinha gentil no ombro de Mestre-cuca. — Com um nome  
desses, vocês vão ter que ficar de olho nela. Quem sabe no que ela vai se trans-  
formar quando crescer?

O sorriso de Herança não era cruel, mas, mesmo assim, Encrenca sentiu  
uma pontadinha por dentro. Felicidade, que estava polindo um aparador, sol-  
tou um risinho de escárnio. Mestre-cuca analisou o espanador que tinha na  
mão, como se estivesse verificando se poderia ser usado como arma. Tio Tur-  
bilhão colocou-se entre ela e tia Herança como um iceberg à deriva entre dois  
navios de guerra.

— O que acham de eu contar a história do Tesouro enquanto limpamos  
a Casa? — disse com sua voz grossa. — Tenho certeza de que você vai me  
corrigir se eu errar, Herança.

As meninas se animaram. Tio Turbilhão era, de longe, o melhor conta-  
dor de histórias da família. Cada uma delas, em um ou outro momento, tinha  
fingido estar doente só para que ele se sentasse ao lado da cama e lesse para  
elas. Ele sempre imitava as vozes dos personagens.

Tia Herança anuiu com um aceno digno de cabeça e gesticulou para que  
ele prosseguisse.

— É uma velha história — rugiu Turbilhão —, quase tão velha quanto  
a família Swift, e contada tantas vezes que está tão gasta e usada quanto  
o Dicionário. Há muito tempo, quando os Swifts eram recém-nomeados  
e a Casa recém-construída, Cerejeira Swift, o chefe da família, morreu.  
Ele deixou uma pequena fortuna, dividida igualmente em três: um terço  
para cada um dos dois filhos, Gratidão e Vil, e o último terço para sua única  
filha, Feitiço...

— Que se mudou para a Dinamarca depois de ficar obcecada por *Hamlet* — interrompeu Herança. — De fato, a história dela é fascinante...

Mestre-cuca a fez se calar.

— Como você disse, Feitiço saiu pelo mundo, deixando a Casa para os irmãos. Gratidão, o filho mais velho, mudou-se para a ala oeste. — Turbilhão levou a mão para o oeste, girando uma risonha Encrenca, como se ela estivesse empoleirada em um laí de verga. — E Vil, o mais novo, mudou-se para o leste. Esses dois irmãos eram como a água e o vinho. Gratidão era um homem decente... Bem, tão decente quanto um homem rico pode ser, e era um filantropo, o que significa, meninas, que ele dava muito dinheiro para orfanatos e coisas assim. Mas Vil... — Turbilhão balançou a cabeça e soltou um murmúrio de desaprovação, como se conhecesse Vil pessoalmente. — Ele amava tanto o ouro que se houvesse encontrado um comprador para os ossos de seu pai, ele próprio teria escavado a sepultura; e tinha grandes planos para sua parte da fortuna. Ele investiu cada centavo de sua parte em negócios: mineração, comércio, indústria, mas ainda não achava suficiente. Vil ficava furioso por ver como seu irmão desperdiçava dinheiro, na opinião dele. “Deixe-me ficar com sua parte”, dizia a Gratidão, “e eu nos tornarei ricos como reis.” Os irmãos brigavam dia e noite. Então, um dia, Gratidão foi encontrado morto no jardim, com um machado cravado nas costas.

Tio Turbilhão fez uma pausa dramática.

— Vil nunca foi preso e nem julgado. Mas ele matou o irmão, Gratidão, tão certo como o céu é azul, tão certo como a água é molhada, tão certo como o fato de eu estar aqui.

Encrenca sempre sentia arrepios nessa parte. Ainda havia retratos de Vil na Casa. Um grande quadro no corredor mostrava Cerejeira com seus três filhos à sombra de um enorme carvalho, que antes dominava o gramado da frente. Encrenca olhava para o rosto do jovem Vil durante horas, tentando ver nele o assassino.

— Gratidão havia deixado algum dinheiro para sua esposa e filha, mas como não tinha nenhum herdeiro homem, coisa que naquele tempo era muito importante, todo o resto foi para Vil, incluindo a metade de Gratidão na Casa. A riqueza de Vil cresceu ainda mais. Ele virou comerciante, depois cavaleiro, depois lorde. Casou a sobrinha o mais rápido que pôde e mandou o marido dela para o exterior. Construiu aquele monumento para si mesmo no jardim, supostamente no local onde havia assassinado Gratidão.

“Mas o medo de Vil crescia com a sua riqueza. Tinha medo dos outros membros da família, e tinha medo especialmente de que um deles o roubasse,

do jeito que ele havia roubado o irmão. Tirou todo o seu dinheiro do banco e comprou ouro, prata, joias, todas as riquezas que conseguiu. Acumulou um grande tesouro e, como um dragão, viveu em cima dele, porque nunca mais deixou a Casa Swift. Vivia isolado, não admitia visitas e se comunicava apenas por carta. Quando, por fim, morreu, levou uma semana para alguém ousar procurar seu corpo.”

— A essa altura, ele já devia estar esponjoso — acrescentou Encrenca com deleite mórbido. — Seus olhos deviam ter desmoronado dentro da cabeça, e ele teria começado a inchar, e os ratos...

— Sim, isso mesmo — disse tia Herança, com nojo. — Acho que não precisamos ficar tão alegres com a morte de um parente.

— Quando a pobre Feitiço soube da morte de seus irmãos, sentiu uma dor terrível. Voltou para a Inglaterra, para a Casa que havia herdado. As ações de Vil haviam dividido e espalhado a família, mas Feitiço era inteligente e, para reuni-los de novo, convidou todos os Swifts vivos para irem à Casa e caçarem a fortuna perdida. Essa foi a primeira Reunião, e ela, a primeira matriarca.

— E o tesouro? — perguntou Encrenca.

— A família procurou por todos os cantos naquela Reunião, e em todas as Reuniões subsequentes — recitou Turbilhão, construindo seu floreio final —, mas nenhum traço do tesouro de Vil jamais foi encontrado.

Turbilhão fez uma pausa, até que o silêncio ecoou. Então, bateu palmas e Herança deu um pulo.

— E fim da história.

— Muito bem! — disse Herança, animada. E pelo visto incapaz de se conter, acrescentou: — Se bem que, claro, não substituí a peça que a própria Feitiço escreveu, *O trágico conto de Gratidão e Vil*. Primo Ator vai apresentá-la no sábado. Mas a peça também não é tão emocionante quanto os velhos livros de governança e registros de impostos da família...

Quando Herança começou sua palestra sobre a contabilidade dos séculos passados, Encrenca deslizou do ombro do tio Turbilhão. Ele fingiu não notar. Ela escapuliu por uma passagem que ficava atrás de uma armadura para trabalhar em seu projeto secreto.

Um ano antes, Encrenca havia começado a elaborar seu mapa. Era uma tentativa ousada de registrar cada canto oculto, cada caminho secreto, cada esconderijo que havia na Casa. A maioria das pessoas diria que era impossível, mas Encrenca não era a maioria das pessoas. Ela tinha aquele misto de teimosia e curiosidade que redescobria cidades perdidas ou levava uma pessoa à prisão. Aprender novas rotas de fuga se mostrou útil, sim, mas, na

verdade, ela estava sempre procurando a fortuna perdida, o tesouro de Vil Swift, escondido em algum lugar da propriedade por seu próprio tio-avô Vil.

Encrenca tinha planos para aquele tesouro, que mudavam conforme seu humor, mas sempre envolviam aventura. Se um de seus parentes o encontrasse antes, ela tinha certeza de que entraria em combustão espontânea de pura inveja e morreria na hora.

John, o Gato, passou carregando uma mariposa morta do tamanho de um pombo. Encrenca coçou preguiçosamente atrás das orelhas do bichano. Já havia marcado no mapa a maioria das salas e passagens secretas, e agora seu foco estava nos quadros suspeitos. Nas histórias de mistério, o cofre secreto na parede ou o antigo mapa do tesouro costumavam ser encontrados atrás do quadro mais estranho e feio da sala, e como os romances policiais eram uns dos únicos livros da biblioteca que não continham armadilhas (eram considerados educativos), muitos Swifts copiaram essa ideia ao criar seus esconderijos. O resultado foi uma casa cheia de arte ruim.

Na parte de trás do mapa, Encrenca fez uma lista com suas descobertas durante a exploração da Casa:

#### QUADROS SUSPEITOS NO SEGUNDO ANDAR

##### QUARTO CORAL:

Algas (aquarela): cofre de parede, fechadura quebrada, vazio  
Um palhaço lamenta sua sorte na vida (óleo sobre tela): nada  
Sardinhas em lata ao pôr do sol (óleo sobre madeira): tijolo solto, contém diário antigo (chato)  
Macaco em um cavalo de balanço (desenho a lápis): olho mágico para o banheiro adjacente

##### BANHEIRO:

O mar em um dia chuvoso (pastel): nada  
Sereia comendo um cachorro-quente (aquarela): olho mágico para o quarto adjacente

##### CORREDOR DO SEGUNDO ANDAR:

Natureza morta de uma tigela de pistache (pastel): botão vermelho — NÃO APERTE!

Duquesa de cara azeda (óleo sobre tela): cofre de parede, deixado aberto, contém restos mofados de sanduíche  
Um estudo com tinta (tinta sobre papel): mensagem aparentemente com tinta vermelha (?), ilegível  
Freira cutucando o nariz (óleo sobre tela): poço da lavanderia (para roupa suja)

Portanto, nada incomum. Ainda.

Encrenca se recostou na parede, tirou meia maçã enferrujada do fundo do bolso e ficou avaliando seu próximo movimento. Ouviu Felicidade no andar de baixo cantando uma música em francês enquanto espanava. No térreo, Mestre-cuca dizia a Fenômeno o que comprar, já que ela se preparou para uma ida de última hora ao mercado. Se Encrenca se apressasse, poderia começar a explorar o Quarto Verde-limão antes que alguém percebesse que ela havia sumido.

Jogou as sementes da maçã no poço da lavanderia atrás da *Freira cutucando o nariz*. Estava com as mãos meladas, por isso as limpou no papel de parede do nicho que havia atrás dela.

E se espantou.

Em vez de papel de parede, Encrenca sentiu a superfície fria e um pouco irregular de tinta a óleo sobre tela. Olhou mais de perto.

O nicho, como percebeu, não era um nicho, e sim uma enorme tela do chão ao teto pintada para parecer exatamente um corredor vazio. Uma fina rachadura percorria as bordas onde a pintura havia sido colocada na parede. Ela nunca teria notado se não houvesse esfregado as mãos por toda parte.

O coração de Encrenca disparou. Ela enfiou a ponta dos dedos na fina costura ao redor da tela, desejando por um breve momento ter as unhas de Felicidade. Para sua surpresa, o quadro se abriu com facilidade, perfeitamente equilibrado em dobradiças finas. Atrás da pintura havia uma porta.

Encrenca já estava contando moedas em sua cabeça antes mesmo de puxar a pintura, de modo que foi um golpe esmagador perceber que a porta não tinha maçaneta nem fechadura tradicional, só um pequeno orifício redondo à altura dos olhos, de pouco mais que a largura de um palito de dentes. Como todos os exploradores decentes, Encrenca tinha um canivete suíço e, como todos os bons artistas de fuga, também levava consigo vários cliques de papel para usar nas fechaduras menores. Mas depois de cutucar e dobrar durante vários minutos, não conseguiu abrir a porta. Quem tinha construído aquela porta a tornou impenetrável para as crianças, o que, em si, já era um grande feito.

Encrenca não conseguiu entrar, mas isso não significava que não havia descoberto nada. Primeiro, bateu com força à porta. A seguir, deitou-se no tapete e, pressionando o nariz na fresta entre a porta e o chão, aspirou com força para sentir o cheiro. Depois, tirou um espelho de sua mochila e o passou por baixo do batente da porta.

Agora ela já sabia várias coisas. A julgar pelo eco quando bateu à porta, o aposento tinha um tamanho decente. O ar de dentro era frio, e seco, e cheirava a livros velhos. O espelho refletiu apenas a escuridão, o que lhe disse que, provavelmente, não havia janelas.

Romances policiais; os livros mais seguros da biblioteca.

Encrenca se recostou e meditou sobre seu próximo movimento. Às vezes, quando alguém se depara com um problema, é muito difícil admitir que não fazer nada pode ser tão bom quanto fazer alguma coisa. Encrenca era do tipo de pessoa que fazia alguma coisa, e ir embora dali lhe parecia uma derrota. Mas decidiu que era melhor não ver sua atitude como ir embora, e sim como reagrupar-se para um segundo ataque.

Encrenca pegou sua caneta. À sua lista de pinturas suspeitas, acrescentou:

Tela até o chão, camuflada (óleo sobre tela): sala secreta????

A seguir, fez um grande ponto de interrogação vermelho no mapa do corredor do segundo andar, no local onde ele dizia que não havia nada além de um trecho em branco da parede.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS  
OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



**FARO**



**EDITORIAL**

ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM AGOSTO DE 2023